



A agricultura familiar e a etnoveterinária: estudo sobre o tratamento animal com base em plantas medicinais

Family agriculture and ethnoveterinary: a study on herbal treatment based on medicinal plants

SILVA, Juciely Gomes¹; JERÔNIMO, Rayane Ellen de Oliveira²; ZEFERINO, Ramon Quarema³; AZEVEDO, Camila Firmino de⁴

¹Universidade Estadual da Paraíba, jucielygomes07@hotmail.com; ²Universidade Estadual da Paraíba, rayanneolievira67@live.com; ³Universidade Estadual da Paraíba, ramonzzeferino@yahoo.com.br; ⁴Universidade Estadual da Paraíba, camfiraze@bol.com.br

Eixo Temático: Biodiversidade e bens comuns dos agricultores, povos e comunidades tradicionais

Resumo: A etnoveterinária estuda o uso popular de plantas para tratar e prevenir doenças em animais, conhecimento muito utilizado por agricultores familiares. Realizou-se uma pesquisa com agricultores da microrregião de Campina Grande-PB sobre o uso de plantas na prevenção e tratamento de doenças em animais. Foram feitas entrevistas sobre o tema, como também foram distribuídos mudas e folders informativos. Ao total foram entrevistados 104 agricultores e destes, 81,73% sabiam que plantas poderiam ser usadas para tratar animais e 70,58% já tinham feito esse tipo de uso. Os agricultores citaram babosa (*Aloe Vera* L.), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) e alho (*Allium sativum* L.), como as mais utilizadas e a maioria deles (87,50%) demonstrou interesse em aprender mais sobre o tema. Os agricultores fazem uso dessa alternativa e ações que divulguem a utilização das plantas é de suma importância para estimular o uso seguro e racional desse recurso.

Palavras-chave: Plantas medicinais; veterinária; etnobotânica.

Keywords: Medicinal plants; veterinary; ethnobotany.

Introdução

A etnoveterinária é a ciência responsável pelo estudo de plantas medicinais utilizadas para o tratamento e prevenção de afecções em animais (CAMPOS e ITAYA, 2016). Segundo Amorim et al. (2018), a etnoveterinária pode ser considerada uma ciência popular que se propagou ao passar dos anos de geração em geração, e por esta razão, tornou-se necessário documentar tal conhecimento. A etnobotânica surge como a ciência que estuda esta relação, ela analisa as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas e é por meio dela que o perfil de uma comunidade e o uso das plantas medicinais é identificado, uma vez que cada região tem seus costumes e peculiaridades (VÁSQUEZ et al., 2014).

O conhecimento popular e as práticas do uso de plantas medicinais são empregadas há tempos por agricultores, criadores e veterinários a fim de prevenir e tratar animais de produção e estimação (BATISTA et al., 2017). De acordo com Moraes (2014), o uso dessas plantas apresenta vantagens significativas, como a redução de custos, a fácil aplicação e a diminuição de resistência a antibióticos, além de ser uma



alternativa viável, de baixo custo, segura e de fácil obtenção (GUEDES et al., 2016). Existem plantas utilizadas em animais específicas para problemas gastrintestinais, anti-helmíntico, para problemas de pele e para o sistema nervoso, e a forma de utilização e parte utilizada vai variar de acordo com cada planta e/ou necessidade (OZAKI e DUARTE, 2006).

Batista et al. (2017) destacam que a problemática do uso de plantas medicinais é a falta de informações científicas válidas sobre a preparação e a efetividade das plantas. Diante o exposto, realizou-se uma pesquisa com agricultores da região de Campina Grande-PB com o intuito de conhecer a utilização de plantas medicinais como prevenção e tratamento de doenças em animais.

Metodologia

A pesquisa etnoveterinária foi realizada através de entrevistas com agricultores familiares que residiam na região de Campina Grande-PB, durante feiras locais. De acordo como o IBGE (2017), essa região faz parte da atual divisão das Regiões Geográficas Imediatas da Paraíba. Nos municípios que compreendem a região de Campina Grande ocorre uma maior busca de novas territorialidades baseadas também em feiras de base agroecológica, como uma tentativa de promover a autonomia da agricultura familiar. (JUSTINO SOBRINHO e GOMES, 2017).

As entrevistas foram feitas através da aplicação de questionário semiestruturado, composto por questões relacionadas ao perfil dos entrevistados e produção de plantas medicinais, bem como utilização das plantas para prevenir e tratar doenças em animais. Todos os entrevistados envolvidos estavam cientes de sua participação em uma pesquisa científica e consentiram a divulgação dos resultados sendo confidencial sua identificação. Os dados coletados foram computados a partir de análise estatística descritiva, para a formação do banco de dados foram tomados todos os dados obtidos através do preenchimento do questionário, e posteriormente tabulados através do software de planilhas Excel, sendo os dados apresentados através de gráficos e analisados descritivamente. Com o intuito de disseminar informações sobre a utilização de plantas medicinais para tratar animais de forma segura e racional, desenvolveu-se um folder informativo sobre as espécies com maior potencial de uso na região, além de suas formas de uso e propriedades, que foram distribuídos aos agricultores juntamente com mudas de plantas medicinais.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados 104 agricultores, 54,80% mulheres e 45,19% homens. No que se refere à idade, 18,26% tinha de 18 a 23 anos, 15,38% de 24 a 29, 18,26% de 30 a 35, 7,69% de 36 a 41, 6,73% de 42 a 46, 8,65% de 47 a 52 e 25% acima de 53 anos. Em relação ao estado civil, 40,38% eram solteiros, 48,07% eram casados, 5,76% eram viúvos e 5,76% correspondiam a outras informações. No que tange à escolaridade, constatou-se que 5,76% dos entrevistados eram analfabetos, 24,03%



estudaram até o fundamental I, 10,57% até o fundamental II, 39,42% concluído o ensino médio, 18,26% tinham ensino superior e 1,92% possuíam pós-graduação.

Também foi feita a caracterização da produção dos entrevistados e a do tipo agroecológica representou 20,19%, a orgânica 37,50% e a convencional 36,53%; os demais não responderam (Figura 1A). Sobre o tempo de produção, 18,26% responderam que eram agricultores há menos de 5 anos, 17,30% de 5 a 10 anos, 16,34% de 11 a 20 anos e 48,07% há mais de 20 anos (Figura 1B). No que se refere à produção animal, constatou-se que 66,34% dos agricultores produziam aves e os demais tipos de produção observados foram: bovinos (38,46%) suínos (20,19%), caprinos (20,19%), ovinos (20,19%), coelhos (2,88%) e peixes (2,88%), além de produtos de origem animal como leite (17,30%) e mel (5,76%) (Figura 1C).

A agricultura familiar no estado da Paraíba, desempenha um importante papel na cadeia produtiva, esta contribui com aproximadamente 40% da produção animal e vegetal (SILVA e MACEDO, 2016). A criação e produção de alimentos de origem animal pelas famílias agricultoras é uma prática cultural que está presente na grande maioria das propriedades do semiárido brasileiro (MORAIS, 2014).

Foi questionado se já ouviram falar que plantas medicinais podem ser usadas para tratar animais, 81,73% afirmaram que sim e 18,26% que não. Também foi perguntando se já utilizaram as plantas para tratar animais e 70,58% já utilizaram, enquanto 29,41% nunca tinham recorrido a esse recurso. Quando questionados qual a forma de utilização, eles afirmaram já terem utilizado chá (40%), extrato (26,66%), lambedor (6,66%), suco (6,66%), shampoo medicinal (8,33%) e outros (21,66%).

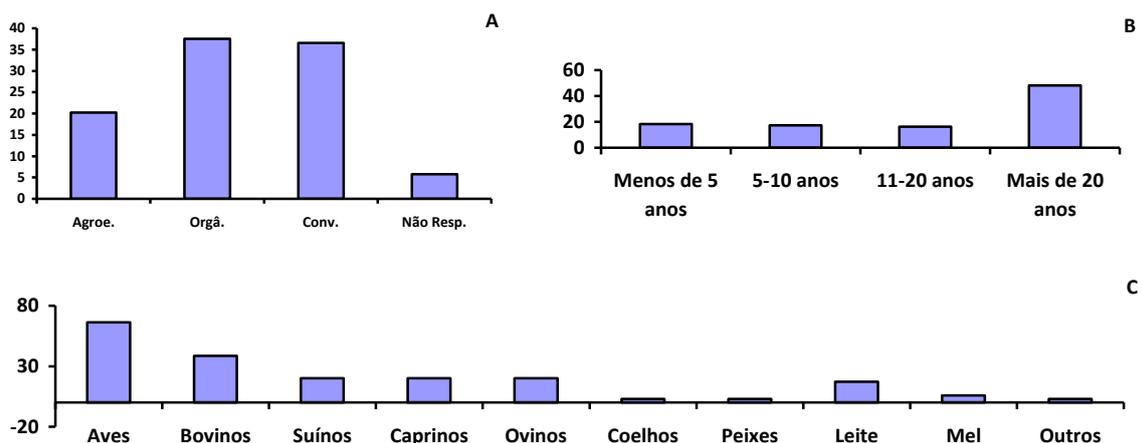


Figura 1. Caracterização da produção de agricultores da região de Campina Grande-PB. A. Tipo de produção. B. Há quanto tempo produz? C. Produção de origem animal.

Em relação à frequência de uso, 28,33% afirmaram usar raramente, 60% quando os animais ficam doentes e 11,66% quando não podem levar ao veterinário. Ao relatar



os motivos, por ser eficiente (36,66%), por ser fácil de encontrar (31,66%) e por não fazer mal à saúde (16,66%) foram os mais citados pelos entrevistados.

As plantas citadas foram a babosa (*Aloe Vera* L.) para cicatrização, mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) verme, capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) dor de barriga, alho (*Allium sativum* L.) mastite e verme, boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews) problemas intestinais, erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.)) problemas digestivos, cabacinha (*Luffa operculata* Cong) verme e abrir o apetite, nim (*Azadirachata indica* A. Juss) e citronela (*Cymbopogon winterianus* Jowitt) repelente.

O uso das plantas medicinais pelos agricultores para os devidos problemas está de acordo com a indicação na literatura, em sua maioria e apesar desse conhecimento, 87,50% dos entrevistados demonstraram interesse em aprender mais sobre o uso de plantas medicinais de forma segura e racional. De acordo com Borsato et al. (2009), a agricultura familiar é uma das detentoras do conhecimento tradicional por possuir experiência na relação com a biodiversidade e o potencial dos arranjos produtivos de plantas medicinais. Além disso, a produção agroecológica, ao substituir os medicamentos sintéticos por produtos naturais no tratamento animal (ALTIERI, 2012), contribui para a saúde e bem estar dos animais, aumento do equilíbrio ambiental e produção de alimentos de origem animal mais saudáveis.

Conclusões

Os agricultores da região de Campina Grande-PB geralmente fazem uso de plantas medicinais para prevenir e tratar doenças em animais, principalmente babosa (*Aloe Vera* L.) e mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.). Além disso, a maioria das indicações das plantas estão de acordo com o mencionado na literatura; no entanto, destaca-se a necessidade de ações que propiciem a divulgação e troca de saberes sobre o uso racional de plantas medicinais no tratamento animal como uma forma de fortalecimento dessa prática e construção do conhecimento agroecológico.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

AMORIM, W. R. et al. Estudo etnoveterinário de plantas medicinais mais utilizadas em animais da microrregião do Alto Médio Gurguéia - Piauí. **Revista PUBVET**. v. 12, n. 10, p. 1-5, 2018.

BATISTA, F. T. et al. O uso de plantas medicinais na medicina veterinária. **Revista Científica do Curso de Medicina Veterinária**. v. 4, n. 2, p. 62-74, 2017.

BORSATO, A. V. et al. **Plantas Medicinais e Agroecologia**: Uma Forma de Cultivar o Saber Popular na Região de Corumbá, MS. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**. Brasília: Anvisa, 2011. 126p.

CAMPOS, M. M. R.; ITAYA, N. M. Estudo das plantas medicinais utilizadas em etnoveterinária. In: Simpósio de Saúde Ambiental, 5, São Paulo. **Atas de saúde ambiental**. São Paulo: Online. v. 4, p. 113-119, 2016.

DELEITO, C. S. R.; BORJA, G. E. M. Nim (*Azadirachta indica*): uma alternativa no controle de moscas na pecuária. **Pesquisa Veterinária Brasileira**. v. 28, n.6, 2008.

FONSECA, G. M. et al. Avaliação da atividade antimicrobiana do alho e de seu extrato aquoso. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. v. 16, p. 679-684, 2014.

FURTADO, F. M. V. et al. Intoxicações causadas pela ingestão de espécies vegetais em ruminantes. **Revista Ciência Animal**. v. 22, n. 3, p. 47-56, 2012.

GUEDES, R. A. et al. Fitoterapia na medicina veterinária. In: VIANA, U. R. et al. (Org.). **Tópicos especiais em ciência animal V**. Alegre: CAUFES, 2016. p.137-147.

HARAGUCHI, L. M. M.; CARVALHO, O. B. **Plantas medicinais**. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2017. 82p.

JUSTINO SOBRINHO, S.; GOMES, R. A. Estratégia mercadológica da agroecologia e a empresa hortaliças sempre verde em Alagoa Nova-PB. In: Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido, 2., 2017, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2017. p. 1-12.

MORAIS, C. M. M. **Fitoterapia animal**: tradição e ciência na criação agroecológica de animais. Recife: Centro Sábia, 2014. p. 44.

OZAKI, A. T.; DUARTE, P. C. Fitoterápicos utilizados na medicina veterinária, em cães e gatos. **Informa**. v. 18, n. 11/12, p. 17-25, 2006.

PEREIRA, S. P.; PAULA, L. L. R. J. Ações terapêuticas do capim-santo: Uma revisão de literatura. **Revista Saúde em Foco**. Ed. 10, p. 259-263, 2018.

SILVA, R. O.; MACÊDO, H. C. Uma feira agroecológica em Campina Grande-PB: alternativa para a agricultura familiar no semiárido paraibano. In: Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido, 1., 2016, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2016. p. 1-10.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



VÁSQUEZ, S. P. F. et al. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas. **Revista Acta Amazônica**. v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014.